

O enterro foi marcado por emoção, homenagens e pedidos de justiça para a jovem de 26 anos



Equipe de jiu-jitsu levou a faixa azul com a qual a vítima seria graduada no fim deste ano

Dor e revolta marcam despedida de Alessandra

Fisioterapeuta de 26 anos foi morta com um tiro na cabeça dentro de uma van, na 302 Sul, na madrugada de domingo. Ontem, familiares, amigos, pacientes e companheiros de jiu-jitsu prestaram a última homenagem à jovem, em Taguatinga



» DAVI CRUZ
» GABRIELA CIDADE*
» BRUNNA RAMOS*
» JÚLIA COSTA*

Em meio à comoção de familiares e amigos, cerca de 200 pessoas se reuniram, ontem, no Cemitério Campo da Esperança de Taguatinga, para se despedir da fisioterapeuta Alessandra da Silva Oliveira Andrade, de 26 anos, morta com um tiro na cabeça durante um ataque a tiros dentro de uma van, na madrugada de domingo. A despedida foi marcada por homenagens e pedidos de justiça contra o policial militar Bruno Cardoso dos Passos, de 27 anos, autor dos disparos que também feriram outras quatro pessoas.

Durante o velório, familiares, amigos, pacientes e companheiros de jiu-jitsu, esporte praticado por Alessandra, cantaram, rezaram e bateram palmas em homenagem à jovem. Denise Rodrigues, 45, tia da fisioterapeuta, a descreveu como uma pessoa querida e que tinha facilidade para conquistar todos ao redor. De acordo com ela, a família espera que o autor dos disparos seja responsabilizado pela Justiça. "Era uma menina linda, maravilhosa. Onde ela chegava, conquistava todo mundo. Era um brilho da família. Agora, nós queremos justiça, porque a gente não pode fazer com as próprias mãos. Dependemos da justiça do homem e de Deus. Só justiça", declarou.

Denise lamentou que o momento de celebração entre amigos tenha terminado em tragédia e cobrou melhor preparo dos policiais. "A corporação coloca policiais armados na rua, talvez sem preparação, talvez no momento errado. Bebida, arma e direção, sabemos que nada disso combina."

Eduardo Andrade, 28, confeiteiro e primo da vítima, lembrou que a família havia combinado um encontro no próximo sábado para comemorar o aniversário de uma prima de ambos. "Depois de muito tempo, íamos reunir todo mundo. Devido à rotina, com todos trabalhando, não é sempre que podemos estar juntos", lamentou. "Infelizmente essa fatalidade aconteceu, mas eu acredito na justiça, na divina e na nossa."

A pedagoga Ana Oliveira, 29 anos, ressaltou a dedicação da prima ao trabalho. "Uma menina esforçada, amada por todos. Boa filha, boa fisioterapeuta. Todos os pacientes dela estavam aqui." Ela também expressou indignação com o crime. "Foram mais de 15 tiros. É revoltante. Você vê o ódio que esse homem estava. Agora, por quê?", questionou.

Minervino Júnior/CB/D.A.Press



"Era uma menina linda, maravilhosa. Onde ela chegava, conquistava todo mundo", desabafou a tia Denise Rodrigues, 45

Arquivo Pessoal.



Alessandra era fisioterapeuta em uma clínica: "Sonhos interrompidos"

Homenagens

O velório foi marcado pelo clima de carinho das comunidades das quais Alessandra fazia parte. Amigos do jiu-jitsu e do trabalho como fisioterapeuta marcaram presença com homenagens à vítima. Amigos e colegas do grupo de jiu-jitsu foram ao sepultamento vestidos com seus kimonos e faixas. Entre eles, estava o professor Osias Rodrigues, de 56 anos, da equipe Tijucão, que declarou o prazer que era ter a fisioterapeuta na equipe. "A memória que fica é de amizade, sonhos e projetos."

Alessandra iria pegar a faixa azul da arte marcial no fim deste ano. Em homenagem à vítima, o professor e sua equipe levaram a faixa que ela receberia. "Infelizmente ela não pode receber essa faixa em vida. Então, estamos aqui para fazer essa graduação póstuma."

Entre os amigos e colegas de trabalho, estava Aline Macedo, dona da clínica onde a vítima trabalhava como fisioterapeuta. "Estamos completamente abalados. Era muito querida. Nós não sabemos nem como começar. As clínicas estão fechadas. Nossa equipe está toda abalada, e o que nos resta é saudade e cobrar justiça."

Repercussão

A governadora do Distrito Federal, Celina Leão (PP), afirmou que a investigação sobre o militar que atirou contra a van será rigorosa. Ao comentar o caso, ontem, no Palácio do Buriti, ela lamentou o episódio e afirmou que o comportamento do agente não representa a atuação da Polícia Militar do Distrito Federal (PMDF). "Isso é um caso isolado e vai ser tratado com o rigor da lei", garantiu Celina.

A chefe do Executivo também informou que determinou o envio de circulares a todos os quartéis para reforçar orientações que já fazem parte da formação dos policiais militares. A medida, segundo ela, busca relembrar os agentes sobre os procedimentos e as regras de conduta relacionadas ao porte e ao uso de armas.

Em comunicado, a clínica onde a vítima trabalhava informou que suspendeu temporariamente todas as atividades previstas. "É com grande pesar que informamos o falecimento da nossa colaboradora Alessandra", publicou a empresa. Em outra mensagem, o estabelecimento pediu orações pela família da jovem, pela equipe e pela comunidade. "Ainda estamos consternados com essa perda e cremos que toda a nossa comunidade vai sentir-la também. Estejam em oração pela família, pela nossa equipe e por nossa comunidade!", diz a nota.

Sobreviventes

Na madrugada de domingo, Bruno comemorou o aniversário com a esposa e amigos em um bar na Asa Sul. Segundo relatos apresentados à Polícia Civil, houve uma discussão entre o casal antes do retorno para casa, numa van alugada para transportar o grupo. No trajeto de volta para Ceilândia, o militar teria começado a ameaçar os passageiros. Quando o veículo, que transportava 16 pessoas, parou em um posto de combustíveis na 302 Sul devido a um problema no pneu, Bruno efetuou cerca de 15 disparos que mataram a fisioterapeuta Alessandra Oliveira e feriram outras quatro pessoas, entre elas a esposa e um colega de farda. Após o ataque, Bruno fugiu a pé em direção ao Parque da Cidade, onde foi localizado e preso horas depois.

Enquanto a investigação avança (leia mais na página 14), dois dos amigos atingidos pelos disparos seguem internados no Hospital de Base do Distrito Federal (HBDF). De acordo com o Instituto de Gestão Estratégica de Saúde do Distrito Federal (Iges-DF), os pacientes passaram por procedimentos cirúrgicos e permanecem sob os cuidados de uma equipe multiprofissional. O instituto não divulgou informações sobre o estado de saúde deles. Entre os feridos está o policial militar Daniel Aquino, 24, que se formou na mesma turma de Bruno, e está internado em estado gravíssimo, após ser atingido na cabeça e no tórax.

Uma testemunha que estava na van contou ao **Correio** que demorou a entender o que estava acontecendo no momento dos disparos. "Senti muito medo. Demorei um tempo para perceber o que estava acontecendo. Estamos todos péssimos. Além do luto, tem o trauma", relatou. A testemunha, que preferiu não se identificar, afirmou que ninguém do grupo sabia o que teria motivado o ataque e que nunca havia percebido comportamento violento ou agressivo do policial.

Segundo apuração da reportagem, alguns passageiros desembarcaram durante a parada. Bruno começou a atirar ainda dentro da van e, depois, desceu e continuou disparando contra o veículo até esvaziar a munição da arma. Além de Aquino, a esposa do atirador levou um tiro de raspão na cabeça, enquanto outro ocupante do veículo sofreu três perfurações: duas na região do abdômen e uma no braço. Uma quinta vítima também foi ferida, mas somente de raspão. Inicialmente chegou-se a contabilizar uma sexta vítima, contudo a perícia constatou que o projétil atingiu apenas o calçado do passageiro.

O bar onde ocorreu a comemoração informou ao **Correio** que Bruno esteve no estabelecimento com os amigos e não estava armado durante a festa. Segundo a casa, os clientes passam por revista na entrada, e os policiais que chegam armados precisam preencher um termo de cautela com a identificação.

Acompanhados por funcionários, eles descarregam as armas em um espaço com caixa de areia e guardam o armamento em cofres individuais. No caso do soldado, a pistola permaneceu guardada durante o evento e só foi retirada na saída. O estabelecimento afirmou que não houve registro de incidentes envolvendo Bruno no local e lamentou o ocorrido. (**Colaborou: Maria Eduarda Lavocat**)

*** Estagiárias sob supervisão de Eduardo Pinho**